

A AMOROSIDADE COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Renilda Martins Garcia¹

Resumo

O presente artigo desenvolvido a partir da concepção do brasileiro Paulo Reglus Neves Freire, sobre o “Ser Mais”, o “Inédito-viável” e a “amorosidade” como elementos presentes no processo educativo, tem como perspectiva refletir sobre essa vertente do conhecimento como uma alternativa de resgatar este conceito, continuar a análise reflexiva sobre a temática e compartilhar esta perspectiva freireana relevante à educação.

Palavras chave

“Ser Mais”, “amorosidade”, “inédito viável”, educação integral, meio ambiente.

Introdução

Nada melhor do que viver e viver bem! Mas quando se trata de ser humano, de pessoas, de gente, viver e conviver são dois verbos que estão essencialmente conectados. Tal peculiaridade decorre da gênese relacional humana, que para a construção de sua identidade necessita do olhar, da visão, da apreciação de outra pessoa para a percepção de sua humanidade.

Como meio de suprimir esta carência, relações de convivência são estabelecidas e na doação de si mesmo, sentimentos de humanização podem ser construídos, por meio de atitudes de ir ao encontro de outra pessoa se concretiza no exercício de sua potencialidade relacional, no compartilhamento de seres, de saberes, delineado pelo abrir-se, permitir-se à vida.

¹ Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP; Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP; integrante do Grupo de Pesquisa, Avaliação: Currículo, do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Coordenadora do Projeto de Ensino Religioso da Educação Metodista; Pastora da Igreja Metodista, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Nesta interação de saberes, marcados definitivamente por aproximações, doações multifacetadas, a convivência é moldada por diversas mãos, toma formas e cores, conotações as mais variadas. Dessa maneira de viver e conviver emerge um jeito peculiar de encarar o mundo, de interpretar e decidir a vida, de deixar a marca no tempo, gestando a cultura.

Além de ser uma produção humana, a cultura é um processo comunicativo e é também, por meio deste processo social, que o ser humano consegue perceber-se como pessoa, como individualidade e nesta interface relacional ele se descobre como gosto, apreciação e desejo, sonho. Descobre o sentido de pertença a um grupo social e revela o seu caráter a partir de suas escolhas.

Neste sentido, a vocação para a humanização se caracteriza pela busca do “ser mais” por meio da qual o ser humano curiosamente busca o conhecimento de si mesmo e do mundo, em prol de sua liberdade. Mas quem é o ser humano? “O ser humano é um universo inesgotável de possibilidades; um projeto sempre aberto ao aperfeiçoamento” (STRECK E ZITKOSKI, 2010, p. 416) e “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo e nesta finalidade a educação é essencial, pois “[...] Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2008, p. 90). O ser humano é um ser em constante busca por sua autonomia:

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2010, p. 107)

A partir destas premissas e do *método analítico reflexivo*, este texto tem como *objetivos* contribuir para a reflexão da educação brasileira, trazer à memória o pensamento educacional de Paulo Freire e refletir sobre a competência sócio-emocional, no *Simpósio* “Acesso a uma Educação Básica inclusiva, equitativa e de qualidade”.

A formação integral e o currículo: aprendizagens significativas

Tendo como horizonte a liberdade decorrente de experiências respeitadas na prática educativa, a autonomia é um processo de vir a ser, construído na dinâmica da realidade, de suas dimensões mediada por experiências estimuladoras. Experiências de aprendizagens que possibilitam instrumentais, conhecimentos, os mais variados, permitindo decisões com responsabilidade e escolhas na consciência de si, das pessoas e do mundo. Nesta perspectiva, o aprendizado e a aplicabilidade destes instrumentais consistem em uma estrada de mão dupla, cujo resultado da interação docência e discência se dá no contexto em que se vive, na leitura do mundo e da palavra. Neste sentido, discentes em algum momento de sua vida decodificam as informações recebidas baseados em estímulos vivenciais, transformando-os em conhecimento, aprendizagem em seu próprio tempo pedagógico. Tal compreensão é fundamental para evitar equívocos quanto à potencialidade de aprendizagem de discentes, ao mesmo tempo em que lança o desafio da construção de um processo educacional que, de fato, busque a autonomia destes tendo como horizonte a liberdade humana. Mas para isso é preciso que o currículo tenha em si esta prescrição esta intencionalidade de maneira explícita.

É o resgate da individualidade na arte de conhecer, sem, no entanto, excluir a influência do grupo social na construção deste mesmo saber. Assim, na construção de sua autonomia o ser humano anseia por ser e “ser mais”. “ser mais” como desafio da libertação de pessoas oprimidas como busca de humanização, em que a natureza humana é programada para ser mais, porém não determinada por estruturas ou princípios inatos (ZITKOSKI, 2010, p. 369):

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser determinado e o ser condicionado. (FREIRE, 2010, p. 53)

A educação como um ato de amor: inclusão, equidade e qualidade

Só o amor refaz a vida, só o amor nos faz irmãs e irmãos! No entanto, o fato da natureza humana ser programada para “ser mais” não garante que por si só esta potencialidade se concretize na existência humana e a amorosidade seja um princípio educativo. Faz-se necessário a criação de espaços de ação-reflexão, reflexão-ação que propiciem que o “ser mais” se emancipe. Por mais que esteja inscrito em sua natureza implica em que o ser humano tenha consciência de si como possibilidade e de sua interdependência com o outro que é diferente, em sua maneira de processar a realidade, os conhecimentos-aprendizagens, de agir e reagir; diferentes em gênero, raça e etnia, mas que é humano e faz parte!

Para tal finalidade, a educação é fundamental no sentido de garantir ambientes de aprendizagem que propiciem a inclusão, a equidade e a igualdade a todas as pessoas. E este espaço de equidade, de inclusão pode e deve ser a escola, a academia, mas, essencialmente, a vida como espaço educativo, a vida como “Tempo de possibilidade não de determinação” (FREIRE, 2010, p. 75) e o “ser mais”, regado pela afetividade, como princípio educativo.

Dentre os elementos que constituem a natureza humana, a afetividade, a ternura e a sensibilidade delineiam de forma peculiar o humano, por vezes, expressos pelo desejo em “querer bem” que tem como essência a dialogicidade, “[...] um princípio ético que suleia a escuta do outro, como uma ausculta e como fonte inesgotável de vida vivida e ainda por viver” (STRECK E ZITKOSKI, 2010, p. 337). A dialogicidade pressupõe:

Fé na vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. [...] O homem dialógico, que é crítico sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. (FREIRE, 2008, p. 93 e 94)

Este ímpeto, a busca por construir significados, sentido para a sua existência, emana do “querer” que gera força, vigor, que faz mover os corpos na esperança da concretude de um ideal. O ser humano é um ser que sempre está em busca de algo

mais. De um motivo que estimule a razão de sua existência. Este sentimento que o impele a ir além, sem às vezes, saber para onde, que o inquieta, o faz sair do lugar e mover-se em direção ao desconhecido é algo que contagia todo o seu ser. É o “querer” pulsando o ser.

O ser humano é movido pelo “querer”, desejar. O “querer” antecede toda ação. A própria razão, reflexão, traz consigo o elemento desejante e esse é o fator decisório no processo de escolha. Por ser o desejo a mola propulsora da ação, e a ação promotora da experiência, e a experiência uma forma de conhecimento, o desejo carrega em si a dimensão educativa, pois tem em seu bojo a dimensão epistemológica.

Assim, o ser humano nasce com potência de “querer bem” e querer “ser mais”. O “querer” é pressuposto essencial para ser mais, porém é na interface, na interação com outros pressupostos, como a motivação-estímulo, oportunidade, possibilidade e principalmente, por meio da educação é que ele se potencializa e se manifesta. Tendo em vista que se o ser humano nasce com o ímpeto de “ser mais”, porém, sem rumo pré-definido subentende-se que o “querer” não é proveniente da ação individual, mas coletiva. O que traz à tona a dimensão social deste sentimento. Neste sentido, as ações humanas não são meramente ações isoladas ou estanques. São produtos de um sistema interativo bio-psico-social e espiritual que determina formas de comportamento e posicionamentos regados pela esperança e o sonho de um outro mundo possível.

O inédito viável: educação e virtualidade

O Mundo consiste no contexto da existência humana que se concretiza a partir de ações transformando-o, fazendo dele um mundo da cultura e da história, intrinsecamente ligado à natureza, ao trabalho, a palavra e à práxis. Enfim, ser humano que coexiste no mundo e com o mundo; visão de mundo que reflete a situação no mundo em que as pessoas vivem (STRECK E ZITKOSKI, 2010, p. 283; FREIRE, 2008, p. 100).

Portanto, o mundo para um grupo de pessoas pode ter um significado que não o mesmo para outro, em razão do contexto social em que está inserido e que influencia sua maneira de pensar, de agir, seu jeito de ser, de existir e coexistir. Então, qual visão

de mundo é a melhor, ou como determinar a visão de mundo mais adequada? Essa questão passa fundamentalmente pela escolha de que tipo de mundo deseja-se e que perfil de ser humano se deseja construir para habitar nele. E no âmbito educacional, passa essencialmente pelo currículo. Ao almejar um mundo em que caibam todas as pessoas, a abertura, a flexibilidade e a sinceridade para coexistir com pessoas e com o ecossistema é quesito primordial. Para tal, é preciso conviver com o mundo e no mundo. É preciso estar por dentro dos acontecimentos, conviver. E nesta convivência emana a capacidade de superação das situações-limite, emana o inédito viável:

O “inédito viável” é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um “percebido destacado” pelo que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade. (STRECK E ZITKOSKI, 2010, p. 225)

Nesta perspectiva, diante do contexto que se instalou nas escolas, academias, universidades em nível mundial, em razão da Pandemia, surge a possibilidade da vivência do inédito-viável, diante desta nova realidade mundial que se impôs de maneira veemente e o desafio de “como migrar a sala de aula para o ambiente virtual de aprendizagem, bem como a superação das limitações epistemológicas e o desenvolvimento de novas competências e habilidades, especialmente por parte do corpo docente. “Inédito-viável” como alternativa construída coletivamente a partir da vivência crítica do sonho almejado. Sonhar coletivamente, na perspectiva da construção do “inédito-viável”, principalmente por meio da educação, possivelmente seja o desafio que cabe a todo ser humano.

Como referência à concepção de educação, dispõe com propriedade quanto à necessidade de “re-ad-mirar agora a educação mesmo como um *fazer* dos homens e das mulheres, um *que fazer* que se dá no domínio da cultura e da história” (FREIRE, A. M., 2001, p. 45); enfatiza a educação como “[...] processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História, como movimento, como luta” (FREIRE, 2001b, p. 10). Nesse aspecto, Freire aborda a história como movimento, luta como possibilidade, como liberdade e sua demanda;

como espaço em que se criam processos de emancipação, a partir do comprometimento na qualidade de sujeitos-objetos da História; como possibilidade não fixada ou predeterminada cujo critério é histórico-social e não individual (FREIRE, 2001b, p. 19), e acrescenta:

Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força, como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: *Unidade na Diversidade*. (FREIRE, 2001b, p. 20)

Porém, para que o ser humano resgate sua humanização, na superação das situações-limite com o inédito viável em busca do ser mais e na construção de um mundo possível, faz-se necessário a promoção de uma educação que estimule a conscientização: processo que transcende o conhecimento ou reconhecimento, ao impulsionar a opção, a decisão, à escolha e ao comprometimento, compromisso com uma causa que dá sentido à sua existência, razão para levantar, viver e até morrer por ela se preciso for. É a práxis, a reflexão e a ação das pessoas sobre o mundo para transformá-lo e ao transformar o mundo o ser humano transforma-se a si mesmo, pois as pessoas se educam entre si, mediadas pelo contexto em que vivem, pelos relacionamentos que cultivam e nutrem com o ecossistema (FREIRE, 2008, p. 9, 42, 78).

Conclusão

Este texto pressupõe como *resultado* a contribuição da reflexão freireana para as instâncias educacionais escolares em âmbito regional e local.

Neste sentido há que se destacar a necessidade de se considerar a educação como um dos meios prioritários do processo de mutação cultural e não um instrumento de manutenção do status quo; pode vir a ser, realmente, um fator de transformação no

sentido da libertação de homens e de mulheres, ao mesmo tempo em que é promotora e expressão da cultura. E este é um dilema constante que pode se tornar em uma oportunidade ímpar do resgate de nossa humanidade e da valorização da natureza de maneira singular, por meio da prática educacional pode trazer uma contribuição inestimável à luta política, principalmente pela criação de estruturas pedagógicas que promovam a autonomia humana e a coexistência com o meio ambiente.

A prática educacional “não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo, sem ela, jamais haverá a transformação social”, pois a educação propicia às pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política. Este, pois, é um princípio que expressa possibilidades práticas da intencionalidade da Pedagogia dos Sonhos Possíveis, sendo um dos seus princípios fundamentais a máxima: “Mudar é difícil, mas possível e urgente” (FREIRE, 2001, p. 31, 36).

No entanto, há que se destacar que uma educação que promova a transformação da realidade, depende do processo de ensino e aprendizagem que a sustenta, pois estão intrinsecamente conectados e não é possível o ato de ensinar, sem aprender, pois “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender” (FREIRE, 2010, p. 23). Essa dinâmica consiste em um ato político formador de consciência crítica em que a leitura da palavra implica na leitura crítica da realidade, leitura do mundo em que ambos, educador/a e educando/a são sujeitos do ato de conhecer. Esse processo de formação política tem como ponto fundante o diálogo, como norte a realidade e possibilita a aprendizagem significativa em que a pessoa interage-intervém nas situações do cotidiano com vistas a modificá-lo numa constância da ação, reflexão, ação, enfim, a práxis educativa. Assim, no contexto da educação libertadora, o ensino-aprendizagem consiste numa relação recíproca na construção do conhecimento para “Ser Mais”, Ser Mais Humano, mais gentil, mais solidário...!

Bibliografia

FREIRE, A. M. **Pedagogia dos sonhos possíveis** (Org. Ana Maria de Araújo Freire). São Paulo: Unesp, 2001a (Série Paulo Freire).

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

_____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 42ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2001b (Coleção: Questões da nossa época, volume 23).

STRECK, Danilo, R. e ZITKOSKI, Jaime, J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.